

Refugiados do Stalinismo no Paraná: *Kulaks!* Inimigos do povo! A expulsão dos menonitas na coletivização da terra

Milhões resistiram à coletivização, escondendo cereais nos porões ou se negando a cooperar com as autoridades. Esses refratários eram tachados de kulaks (camponeses ricos), um termo que (de modo muito semelhante à definição de “sabotador”) era tão vago que quase todo o mundo se encaixava nele.
Anne Applebaum

A política stalinista de transformação da estrutura rural da União Soviética, por meio da eliminação da propriedade da terra em prol da coletivização e da determinação plena das funções da terra por parte do Estado, resultou em um colapso produtivo e social que se manifestou em uma série de revoltas no campo. A revogação de políticas agrárias anteriores está no cerne do processo de coletivização e de suas respectivas consequências

As concessões feitas aos camponeses pela Nova Política Econômica não foram populares entre muitos cidadãos comuns Comunistas. [...] Stalin defendeu uma guerra indiscriminada contra os *kulaks* e a implantação de uma coletivização brutal. [...] Em muitas regiões, camponeses preferiam matar os animais de suas fazendas a coletivizá-los. Nos primeiros três meses de 1940, houve mais de 1.600 casos de resistência armada. Em novembro de 1929, Stalin disse: “Passamos de uma política de *limitar* as tendências exploradoras do *kulak* para uma política de *eliminar o kulak* como classe.” [...] A coletivização forçada e a revolta maciça no interior tiveram consequências terríveis. Milhões de camponeses foram arrancados de suas terras e, no fim de 1930, pelo menos 63 mil chefes de família” haviam sido presos e executados.¹ (Grifos em itálico do autor)

O aspecto econômico - pretensamente libertador – almejado na política de coletivização com a eliminação da exploração dos proprietários enquanto classe, além de ter sido um eufemismo coletivo para execuções massivas de indivíduos obliterou outros objetivos, por parte do governo Stalinista, como a ruptura dos núcleos familiares, religiosos e étnicos. O embate com a estrutura familiar e a religiosa compunham a teorização do projeto revolucionário e apareciam, mesmo que implicitamente, nas medidas levadas a cabo no processo de coletivização. Todavia o aspecto étnico, ou melhor, de “limpeza étnica” foi sistematicamente empregado, porém de maneira velada e jamais admitido oficialmente. A ameaça e o “perigo antirrevolucionário” representado pelo proprietário, pela religião ou pelo núcleo familiar, abarcava e, obviamente, escondia muito mal a figura do “outro”.

¹ BROWN, Archie. *Ascensão e Queda do Comunismo*. Rio de Janeiro: Record, 2011. p.86-87.

“Estrangeiros”, proprietários rurais e religiosos, o grupo de menonitas² de língua alemã na União Soviética no período da coletivização, preenchia todos os “requisitos” do rótulo de classe antirrevolucionária a ser extirpada pelo governo stalinista. Comumente identificados como *Kulaks*³, restava cada vez menos alternativas para sobreviver as novas medidas impostas pelo governo. A trágica ironia por detrás desse plano é que ele seria pretensamente marxiano⁴, em contraponto as concessões cedidas, até então, pelo governo Lênin. A relativa tolerância econômica, que remontava a criação do NEP, foi abruptamente interrompida.

No décimo segundo aniversário da Revolução Russa em 1929- celebrado como de costume, em 07 de novembro – Stalin publicou um artigo crucial no ano da “Grande Virada”(*veliki Perelom*) Hoje em dia historiadores classificam o artigo como o início da revolução de Stalin vinda de cima. Num jargão tipicamente militar, ele lembrou a todos que Lênin havia considerado a NEP apenas um “recuo” tático, depois do qual haveria um avanço e, em seguida, um grande salto à frente”. O partido já lançara “uma bem-sucedida ofensiva contra os elementos capitalista”, como mostravam os primeiros resultados: “estamos avançando com rapidez pelo caminho da industrialização – para o socialismo, deixando para trás o velho ‘atraso’ russo.”⁵

No final da década de 20 Stalin dá início a transformações tão profundas no setor produtivo soviético que esse desencadeamento é, com frequência, considerado como uma espécie de revolução dentro da revolução. A força motriz por detrás da coletivização era

² A expressão menonitas é uma referência a Menno Simons. “Os menonitas espalhados em mais de 70 países em todos os continentes, tem sua origem no movimento de reforma da igreja, no século XVI, na Europa [...] Menno Simons, sacerdote holandês, ao reconhecer o valor e a legitimidade do movimento restaurador da fé cristã, promovido pelos anabatistas, deixou a batina, em 1536, e transformou-se em um de seus maiores líderes [...]” Esses aspectos são essenciais para a compreensão da: “Igreja Menonita como entidade religiosa e o povo menonita como um grupo étnico que se formou a partir dela, nos cinco séculos seguintes.” in: VITECK, Harto (org.). **Imigração Alemã no Paraná** - 180 anos. Marechal Candido Rondon: Editora Germânica, 2011. p.191-197.

³ *Kulak* - na definição de Archie Brown era: “[...] o nome dado aos camponeses mais ricos. “*Kulak*” era, porém, algo tão imprecisamente definido, que qualquer pessoa que se opunha à incorporação compulsória de sua vila, juntamente com outras vilas, a uma única e vasta fazenda coletiva podia ser enquadrada nessa categoria”. BROWN, Archie. **Ascensão e Queda do Comunismo**. Rio de Janeiro: Record, 2011. p.86.

⁴ Ver: PAIM, Antônio. **Marxismo e Descendência**. São Paulo: Vide Editorial, 2010. Paim aponta que: “Nos anos trinta, as consequências da crise de 1929 contribuíam para fortalecer a nova elite do poder na Rússia, permitindo-lhes revalidar um dos pilares do marxismo-leninismo, que consistia precisamente na tese da crise geral do capitalismo. Depositários desse *saber*, o grupo formado em torno de Stálin, no seu afã repressor a toda espécie de oposição, usava e abusava do argumento da “pureza doutrinária”. p.150.

⁵ GELLATELY, Robert. **A maldição de Stalin**: o projeto de expansão comunista na Segunda Guerra Mundial e seus ecos para além da Guerra Fria. Rio de Janeiro: Record, 2017. p.38.

promover uma industrialização rápida e massiva e, com isso, fazer crescer e fortalecer a figura do proletário em detrimento a do camponês.

A coletivização de terras na União Soviética stalinista foi um dos processos mais intensos e brutais de transformação de toda uma estrutura produtiva e seu efeito imediato foi a criminalização do *Kulak* e, por extensão, de qualquer camponês ou proprietário de terras. Os menonitas eram facilmente rotulados como *Kulaks*, até mesmo pela condição socioeconômica das colônias, consideradas acima da média. E, conjuntamente, a questão econômica, existia o simbolismo e associação com o passado czarista, haja vista que o histórico da presença menonita derivava de uma ação imediata do império russo.

A presença de grupos de menonitas em território russo, remonta ao ano de 1788 quando, um grupo de 228 famílias, se deslocou ao país a convite da czarina Catarina. A esse grupo inicial seguiram-se diversos outros ao longo do século XVIII e XIX. Essa concessão de terras na Rússia visava “colonizar” e abrir “novas frentes” agricultáveis e, por parte dos menonitas, representava a possibilidade de viver de acordo com os seus preceitos religiosos, incluindo nessa seara, a questão do pacifismo. Assim estabeleceu-se uma série de condições com relação aos menonitas nesse processo de imigração.

Aos menonitas foram concedidos privilégios especiais *ad aeternum*, que lhes asseguravam diversos direitos, principalmente a isenção do serviço militar, mediante pagamentos regulares. Pagando altos impostos ao governo, obtiveram não só a isenção do serviço militar, como também o direito de auto-administração, com todas implicações de infraestrutura ligadas à organização civil das diversas colônias. Isso incluía direitos e deveres, impostos internos e externos, herança e partilha de bens, amparo às viúvas, aos órfãos e outros carentes, proteção e combate contra incêndios, construção e manutenção de estradas, hospitais, escolas, etc.⁶

A maior singularidade com relação aos menonitas era a questão da isenção do serviço militar, pois diversos aspectos da autonomia de suas colônias estavam em consonância com medidas adotadas para demais grupos de imigrantes, inclusive na de outros grupos de língua alemã.

A proclamação de privilégios, acordada com os russos em 1788, não diferia das regalias dadas a outros imigrantes anteriormente. A política de colonização russa naquele tempo tinha como objetivo uma total separação dos imigrantes estrangeiros da população nativa, o que significava um alto grau de autonomia para as colônias, que eram quase

⁶ VITECK, Harto (org.). **Imigração Alemã no Paraná** - 180 anos. Marechal Candido Rondon: Editora Germanica, 2011. p.200.

que independentes do Estado russo em um grande número de assuntos, principalmente nos mais importantes para os menonitas.⁷

A possibilidade de uma grande autonomia na gestão de suas comunidades foi um importante fator de atração e isso ajuda a explicar a forte presença menonita em território russo. Os menonitas formaram diversos núcleos de colonos, desde a Criméia até a fronteira entre Rússia e a Manchúria⁸. Essa grande extensão territorial, permeada com a presença dessas comunidades reproduzia, em solo russo, características mais globais dos menonitas.

Os menonitas têm uma história de 500 anos de regionalizações cotidianas em ambientes estrangeiros e tornaram-se, assim, grandes especialistas na formação de culturas de transposição. Desde o surgimento do movimento anabatista, este grupo vivenciou perseguições religiosas e políticas por causa de suas convicções. Eles desenvolveram, com isso, uma cultura que se preocupa muito com a preservação de tradições, negociando permanentemente a sua adaptação aos contextos forasteiros. Conseqüentemente, os menonitas criaram configurações sociais diferenciadas e flexíveis nas suas respectivas sociedades em todos os níveis de atuação: na família, no âmbito étnico-religioso e nos seus respectivos países.⁹

O isolamento territorial de algumas dessas colônias, associado à autoadministração frente à nação receptora, bem como, as particularidades regionais vivenciadas por cada um desses núcleos, coexistia com os preceitos religiosos, o pacifismo, o mutualismo e, quando necessário, o intercâmbio e o auxílio entre esses colonos. Isso produziu aspectos internos paradoxais, transitando entre diversidade e a unicidade, especialmente, entre colônias autodenominadas mais progressistas e/ou mais conservadoras.¹⁰ Essa complexidade de diversas “micronações” fragmentadas territorialmente, mas, ainda assim, amalgamadas pela religião, destaca a alteridade e a capacidade de adaptação da comunidade menonita, dada a sua condição de ser uma espécie de nação de cunho religioso, mas sem território próprio. Dessa forma, sua

⁷ MASKE, Wilson. **Entre a cruz e a suástica**: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai: 1933-1945. 2004. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p.30.

⁸ Ver mapa em anexo.

⁹ LÖWEN SAHR, C. L.; HEIDRICH, A. L. Translocalidades menonitas no contexto da América Latina e do Caribe: reflexões a partir do caso do Paraguai. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 3, p. 536-550, mês. 2016. p. 38.

¹⁰ Ao longo do século XX, isso vai ter reflexos nas vestimentas, na língua utilizada nos ritos religiosos, na definição de papéis sociais de cada gênero na comunidade, no cabelo feminino, na interação com pessoas de fora da comunidade, dentre outros pontos que passam a apresentar diferenciações dentro do grupo de menonitas.

condição é indefinidamente de migrante, isso reforça e os aproxima, ainda mais, do seu grupo de origem e dos valores compartilhados entre eles. Assim, os grupos,

[...] alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente.¹¹

O refúgio dos menonitas no Brasil é precedido do seu “refúgio” na Rússia que, por sua vez o foi, em relação a Prússia e a condição de migrante não se encerra necessariamente na existência da colônia de Witmarsum¹², pois sua translocalidade, no sentido de transitoriedade, é inescapável. A desterritorialização é intrínseca ao grupo, pois sua definição é etnorreligiosa e não nacional.

Avançando nessa direção, discute-se o conceito de “translocalidade”, proposto inicialmente por Appadurai (1996a, 1996b). Para o autor, as localidades divorciadas de seu contexto nacional, como zonas de fronteira, turísticas e de livre comércio, bem como, campos de refugiados, albergues de imigrantes ou bairro de exilados e trabalhadores imigrantes são exemplos de translocalidade. Poderíamos acrescentar a essa lista também **as comunidades etnorreligiosas menonitas**, sobretudo as mais conservadoras.¹³

Menonitas – “Inimigos do povo”

Primeiramente, sob a ótica bolchevique, os menonitas eram enquadrados em duas categorias consideradas potencialmente “ameaçadoras” à revolução, a de estrangeiros e a de religiosos. A essas duas primeiras acrescia-se a pecha de *kulaks*. A tarefa de rotular o grupo como antirrevolucionário não enfrentou grandes obstáculos, afinal a “diferenciação” social era latente, bem como, não existiu dificuldade na delimitação de seus membros, haja vista, a condição econômica “privilegiada”, as vestes típicas, o uso do dialeto *plattdütsch* (ou *plautdietsch*)¹⁴, a circunscrição territorial das

¹¹ WEBER, M. *Economie et société*. Paris: Plon, 1971. Apud. POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p.37.

¹² O nome da colônia – Witmarsum – é uma referência a cidade holandesa de mesmo nome que foi o primeiro local de refúgio dos menonitas após abandonarem o território suíço.

¹³ LÖWEN SAHR, C. L.; HEIDRICH, A. L. Translocalidades menonitas no contexto da América Latina e do Caribe: reflexões a partir do caso do Paraguai. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 3, p. 536-550, mês. 2016.

¹⁴ O dialeto dos menonitas transita entre o “baixo alemão” e traços fortes de influência do holandês. Essa característica da proximidade com o holandês foi empregada como salvaguarda

colônias e, por fim, o pacifismo e a não reação armada. Tudo corroborava e facilitava a atuação dos agentes e órgãos de repressão do governo stalinista.

As portas cerradas no bloco soviético levaram os menonitas, na tentativa de sobreviver, a acionar sua rede de contatos pelo mundo. Não existe números precisos, mas estima-se que viviam em território soviético aproximadamente 60 mil menonitas. Desse total, calcula-se que metade já havia deixado o território russo nos primeiros dez anos da revolução temendo, especialmente, a escalada de medidas de cerceamento religioso. Essa primeira leva deixou seus bens, mas não encontrou muitas dificuldades para refugiar-se.¹⁵ O restante, aproximadamente 30 mil pessoas, adiou o abandono das propriedades e de todos seus pertences até o final da década de 20. Nesse período, o relato de Abram Dück, aponta a escalada de medidas do governo stalinista: “Fecharam nossas escolas, fecharam as igrejas, confiscaram tudo e assim começou, então Stalin disse assim e todos esses que estiveram em Moscou - aquele tempo eram 15 mil – agora nós vamos deportar para a campo de concentração”.¹⁶

Esse grupo terminou nos *Gulags* siberianos foi quase dizimado. Estima-se que sobreviveram poucas centenas de indivíduos e que só puderam retornar as margens do Volga ou a Criméia, quase dois anos após a morte de Stalin. “O trabalho pesado, as condições climáticas extremas e a severa desnutrição por escassez de alimentos fizeram milhares de vítimas fatais.”¹⁷

Esse número relativamente elevado de menonitas que permaneceu e ficou à mercê de Stalin deveu-se, tanto a longa estada em terras russas - afinal a maior parte desses grupos, vivia em território russo desde o século XVIII - como, também, a imprevisibilidade do futuro. Cabe ressaltar que, a dimensão, o alcance e as consequências da perseguição sistemática imposta pelo governo stalinista são sempre uma análise feita *a posteriore*.

[...] com a ascensão de Stalin tudo mudou. O ano de 1928 marcou o fim das comunidades menonitas na Rússia. Marcou também o início da saída em massa de alemães da Rússia, entre eles os menonitas, para o Canadá, o Paraguai e o Brasil. A gota d'água, após todos os sobressaltos, foi o primeiro plano quinquenal de Stalin, que começou o confisco compulsório das terras agrícolas e sua coletivização. Com isso, a maior riqueza dos menonitas, a terra, foi definitivamente perdida na Rússia. Numa tentativa de fuga, cerca de 13 mil menonitas se amontoaram nos arredores de Moscou, para aguardar a permissão para deixar a União Soviética. Após difíceis negociações, o governo alemão,

em diversas ocasiões. Nos relatos aparecem eles se utilizando-se disso para burlar as perseguições a língua alemã na Era Vargas.

¹⁵ O Canadá foi o destino da maior parte desse grupo, que deixou a Rússia em 1923, após a guerra civil.

¹⁶ Fala proferida pelo sr. Abram Dück para o documentário: Witmarsum: O Brasil dos Menonitas (2010) – Direção de Viviane Claassen.

¹⁷ SAFFRAIDER, Luiz Fernando. A saga dos Alemães do Volga. Curitiba: Editora Juruá, 2010. p.125.

que havia tomado a frente nas negociações para defender os seus residentes na Rússia, conseguiu uma permissão para quase metade dos menonitas. Os que não estavam incluídos foram deportados para o interior do país.¹⁸

A permanência tornou-se totalmente inviável e o deslocamento uma necessidade premente. Mesmo mediante a pressão do governo alemão e da atuação de diversas embaixadas (como a do Canadá) Moscou concedeu apenas 6 mil autorizações de saída. Os que conseguiram essas autorizações puderam deixar o país legalmente. O restante enfrentou a pior das situações, já que estavam expropriados de suas terras, devidamente cadastrados, fichados e a “disposição” em Moscou, em plena sede do poder bolchevique. E o resultado disso foi trágico. Com as autorizações de saída suspensas “[...] o governo soviético embarcou, à força, em vagões de carga e transporte de animais, todos os demais, levando-os diretamente para os campos de trabalho forçado [...] a maioria morreu miseravelmente de frio, de doenças de fome ou por fuzilamento”.¹⁹

Essa insistente extração do tecido da sociedade soviética em formação, de todos esses indivíduos ou grupos inadaptados, considerados “perigosos”, “daninhos” em potencial ou simplesmente “supérfluos” pelo regime, nunca cessara e se multiplicava aos milhões no decorrer da coletivização. O “Grande Expurgo” que irrompeu em 1937 não foi o início, mas o último ato de uma política de atomização e homogeneização de quase 20 anos.²⁰

O deslocamento dos grupos menonitas precedeu o grande expurgo e, isso serve, tanto para explicitar o impacto e a longa atuação repressiva na URSS como, paradoxalmente para obscurecê-la, pois, frente ao grande expurgo, um esquecimento calou sobre os grupos que o antecederam. A saída, via Moscou, obtida por alguns menonitas, ocorreu concomitante com outra forma de refúgio, a dos colonos menonitas que, localizados mais próximos da fronteira com a Manchúria, conseguiram fugir cruzando o rio Amur. Uma parcela, dos menonitas que vieram a constituir a colônia de Witmarsum, insere-se nesse grupo de refugiados. Catharina Heinrichs relata que: “O que tínhamos: máquina de costura, camas, louças as nossas posses todas, deixamos intactas no local, não falamos nada a ninguém de que estávamos saindo e nem para onde íamos”.²¹

¹⁸ MASKE, Wilson. Anabatistas sob o Cruzeiro do Sul: a experiência Menonita no Brasil (1930-1945). *Revista Pistis Praxis*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 253-273, out. 2013. p.260 e p.261

¹⁹ VITECK, Harto (org.). *Imigração Alemã no Paraná* - 180 anos. Marechal Candido Rondon: Editora Germanica, 2011. p. 206.

²⁰ KOENEN, Gerd. *Utopia do Expurgo: O que foi o comunismo?* Ijuí: Ed. Unijui, 2009. p.161.

²¹ Fala proferida, originariamente em alemão, pela senhora Catharina Heinrichs para Documentário: Witmarsum: O Brasil dos Menonitas (2010) – Direção de Viviane Claassen.

Às vésperas do natal de 1930, em pleno inverno, com temperaturas oscilando entre -20 e -30 graus *celsius*, deu-se a fuga, pela travessia a trenó, do congelado rio Amur, barreira natural que demarcava a fronteira da Rússia com a Manchúria. Dezesesseis famílias que vieram a compor o rol de Witmarsum formavam esse grupo. O relato é de abandono, de fuga, de disfarce e de silêncio. Como todo o refúgio ele ocorre nos limítrofes, nas margens, nas periferias. É *per se* fugidio. Entretanto, a experiência traumática, que levou a formação de novas colônias menonitas mundo afora tornou-se uma espécie de ponto fundante. Um mito fundador. A construção de uma memória e a sua memorização, tornaram a experiência de fuga, em um evento histórico contado e recontado, significado e ressignificado.

Tem barulho na casa. Ainda está escuro e muito, muito frio. Aninha só quer saber de se enterrar ainda mais debaixo das cobertas.

“Crianças, levantem e tomem seu café. Não sabemos quando poderemos comer de novo.”

Que coisa estranha! Aninha ergue a cabeça e entende tudo. “Nós vamos fugir?!” Ela grita. Grita de desespero, de susto, de medo. Grita porque está acontecendo com sua família o que já ouviu falar de outras. Grita porque sabe que a polícia comunista pode persegui-los.

“Aninha, você quer apanhar logo cedo? Se você não parar de gritar, toda a aldeia vai perceber o que está acontecendo aqui em casa!”

O pavor é tão grande que ela não consegue parar de gritar. Aninha enterra a cabeça no travesseiro e continua gritando até se acalmar um pouco.

“Agora morde os lábios e vamos”, diz o pai.

O caixote de madeira está ali, pronto para a viagem. A mãe acomoda os filhos sobre o trenó e cobre-os com muitas cobertas. “Não, mãe, não cubra minha cabeça! Eu quero ver quando a polícia chegar para atirar em nós.” A mãe atende o pedido de Aninha. O pai abre todas as porteiras para que os animais possam sair e se alimentar. Talvez algum vizinho queira ficar com eles quando perceber que nós fugimos.²²

²² SIEMENS, Irgard August. **A viagem de Aninha** – Anas Reise. Curitiba PR: Editora Evangélica Esperança, 2013. p. 52. Optei por reproduzir todo o posfácio da obra, pois ele indica claramente a relevância da memorização e a ciência de suas intencionalidades. “Posfácio - “Eu não gosto de histórias inventadas”, dizia minha mãe. E acrescentava: “Por isso não gosto de ler romances”. Na época eu cursava Letras na Faculdade e tentava explicar para minha mãe que não existem histórias “literalmente verdadeiras”. “Como não”, respondia ela e apontava para o livro que estava lendo. “Este livro aqui é uma história verdadeira, ela realmente aconteceu”. “É verdade, mãe. Os acontecimentos realmente se deram. Mas não do jeito que está descrito no livro. O livro se baseia em fatos”, tentei explicar, “mas os acontecimentos são apenas a estrutura interna, os detalhes sobre os sentimentos e pensamentos de cada pessoa foram acrescentados pelo autor”. O mesmo ocorreu quando escrevemos este livro. Esta história se baseia em dois relatos escritos

Existe todo um cuidado na rememoração do refúgio da coletivização stalinista, inclusive com a produção de livros infantis para as novas gerações. Obras bilíngues em português - alemão. A fuga da família da personagem Aninha baseia-se em dois relatos de refugiados e narra toda a travessia e período que que viveram na China, antes de se deslocarem de lá para a Alemanha e, posteriormente, para o Brasil. A obra visa humanizar e dramatizar a experiência vivenciada pelos “pioneiros” da colônia de Witmarsum.

A comunidade atual²³ de Witmarsum é composta pelos descendentes de “alemães-russos” menonitas. O Brasil foi uma das nações²⁴ que aceitou receber 1.200 pessoas do grupo de menonitas que se refugiou do bloco soviético. Foi via negociações entre o governo alemão e representantes do governo brasileiro que foi firmada a vinda desse grupo.

que nos foram entregues. A rota da viagem, os empecilhos e vários diálogos significativos aconteceram exatamente como contamos. O episódio da “coleta de ovos” foi criado dentro de um contexto provável. Em outras palavras, “romanceamos” aspectos cotidianos, pois é difícil para uma criança, que atualmente passa o dia diante do computador e do televisor, imaginar como era a infância na Rússia de 1930. Também incluímos episódios que não constam nos dois relatos originais, mas que se sucederam na fuga de outros menonitas. Por exemplo, ao saber que escrevíamos este livro alguém nos contou que, na travessia do Rio Amur, seu pai quase tinha sido esquecido na outra margem. Memórias e imaginação se complementam e sublinham ainda mais o drama da fuga. Irmgard também tentou se colocar na alma de uma criança. Quais medos, quais esperanças, quais sonhos marcam a vida de uma criança de seis anos. Eu creio que a autora atingiu o objetivo. Além disso, consideramos relevante complementar a narrativa com aspectos da história e da teologia dos menonitas. Queríamos escrever não só um livro infantil, mas um livro infantil menonita. Com isso, expressamos honra a nossos pais e reconhecimento por sua coragem para empreender a fuga da Rússia comunista. Não esqueçamos: eles estavam em busca de liberdade. Qual liberdade? A liberdade para expressar sua fé em Jesus Cristo e proclamá-la aos outros. Um agradecimento especial vai à sra. Susanna Penner e ao sr. Abram Dück, cujos relatos pessoais embasaram este livro”.

²³ A colônia de Witmarsum, na atualidade, conta com aproximadamente 2.500 pessoas e concentra suas atividades econômicas basicamente na Agricultura e no turismo. A cooperativa leiteira do distrito possui grande impacto regional. Segundo folheto da FAEP: “A Colônia Witmarsum é tomada por detalhes que comprovam suas raízes germânicas. São casas típicas do interior da Alemanha, com jardins floridos à frente e aos fundos toda a estrutura para a pecuária e lavouras que se perdem no horizonte. Formam um conjunto de uma “cidade rural”, com todos os serviços para a população de pouco mais de 2.500 pessoas. Tudo concentrado ao redor de uma cooperativa, que numa espécie de centro, reúne mercado, banco, correio, farmácia veterinária, escola, igrejas e agroindústrias para beneficiar os produtos cultivados pelos colonos. [...] Hoje, a colônia ocupa uma área total de 11.428 hectares, dos quais são explorados economicamente 7.721 hectares (67,56%). Quase 4 mil hectares, ou seja, 32% da área, não são utilizados para atividades pastoris ou agrícolas por se tratarem de regiões de vegetação nativa, topografia acidentada e afloramento rochoso”. Boletim Informativo do Sistema FAEP nº 1113. Versão em PDF disponível em: <https://sistemafaep.org.br/wp-content/uploads/2013/11/137.pdf>

²⁴ Cabe destacar que Canadá, Estados Unidos, Paraguai e México são outras nações com um número expressivo de menonitas.

Conforme Löwen Sahr, a vivência de sucessivas migrações ao longo de cinco séculos criou entre os menonitas uma rede de identidades “translocais”, onde, em muitos casos, se combinam “a ancestralidade alemã; a herança russo-alemã de influência holandesa do dialeto alemão plattdeutsch; e a memória russo-ucraniana na experiência de estruturação de comunidades de povoamento como comunidades etnorreligiosas”. Essas identidades translocais são constantemente negociadas nos novos países receptores.²⁵

No Brasil a sucessão de negociações terminou por não dar as condições especiais solicitadas, como a isenção do serviço militar. Na prática, os menonitas conseguiram essa isenção extraoficialmente. Somente a partir da constituição de 1988 essa isenção foi assegurada por meio da substituição do serviço militar por serviços de paz. O país apesar de não ter cedido as reivindicações especiais, facilitou os tramites legais e a concessão de terras. O potencial dos imigrantes no âmbito do trabalho agrícola estava no cerne dessas facilidades.

A situação do imigrante (nesse caso refugiado), na nação receptora, como aponta Michael Hall, apresenta uma ligação umbilical do imigrante com o trabalho, essa constatação aponta que, a questão do trabalho, perpassa incólume a qualquer recorte cronológico ou grupo étnico, a esse respeito o sociólogo argelino, Abdelmalek Sayad, demonstra que: “[...] trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma [...] Foi o trabalho que fez 'nascer' o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz 'morrer' o imigrante[...]”.²⁶

Na obra comemorativa de quatro décadas da colônia de Witmarsum, publicada em 1991, existe o relato doloroso da Sra. Eva Renpenning, nele ela constata de maneira sucinta, crua e direta a relação entre a vivência do migrante com o universo do trabalho, segundo ela: “*Ja, mein Leben war Mühe und Arbeit!*” (É, minha vida foi fadiga e trabalho!).²⁷

Na década de 50 o governo brasileiro ainda utilizava do conceito de “espaços vazios” para “humanitariamente” aceitar a vinda de grupos estrangeiros.

A imprensa vespertina relata a visita que o ministro Mello Franco fez hontem na ilha das Flores a 400 imigrantes menonitas, expulsos da Rússia, que se destinam ao Paraná. Esses imigrantes, descendentes de antigos colonos alemães, estabelecidos na Rússia, viajaram através da Mandchuria, onde embarcaram para o Brasil. [...] O capitão Kler, antigo ajudante de ordens do imperador Nicolau e que vive no Brasil há vários

²⁵ LÖWEN SAHR, C. L.; HEIDRICH, A. L. Translocalidades menonitas no contexto da América Latina e do Caribe: reflexões a partir do caso do Paraguai. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 3, p. 536-550, mês. 2016. p.540.

²⁶ SAYAD, A. **A Imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998. p.55.

²⁷ NIKKEL, M.; KLIEWER, H. (1991): **Witmarsum em quatro décadas - 1951-1991**. Kugler Artes Gráficas Ltda. p.13.

anos, acompanhou a reportagem na visita a ilha e teve ocasião de palestrar com seus compatriotas. Um deste, velho medico, fez interessantes declarações aos jornaes. “A vida na Russia – disse elle – é absolutamente impossível. Quem não morre hoje, morrerá amanha. Salvam-se apenas os communistas”. E accrescentou: “Todos os russos têm esperança de que um dia o grão duque Kiril Wladimonowitch deixando seu exilio em Paris marchará para Moscou, á frente de exército branco, afim de levar a redempção a todas as Russias”. Falando ainda sobre o plano quinquennal, esse medico asseverou que tal plano tinha fracassado completamente.²⁸

Os grupos de menonitas que chegaram ao Brasil corroboraram, por meio de relatos, as perseguições sofridas em território soviético, especialmente após a suspensão da NEP e da intensificação do projeto de coletivização das terras levado a cabo por Stalin. É relevante frisar isso, pois os menonitas não se furtaram em relatar a experiência do refúgio. O antagonismo do grupo com relação ao comunismo, especialmente devido as perseguições religiosas, fizeram com que esses grupos se manifestassem, quer seja nas produções memorialistas, em diários editorados e publicados ou nas entrevistas à grande imprensa. O “silêncio” frente ao relato do refúgio configura-se na questão a ser observada.

Referencias:

APPLEBAUM, Anne. **Cortina de Ferro: O esfacelamento do Leste Europeu (1944-1956)**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

BROWN, Archie. **Ascensão e Queda do Comunismo**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GELLATELY, Robert. **A maldição de Stalin: o projeto de expansão comunista na Segunda Guerra Mundial e seus ecos para além da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

KOENEN, Gerd. **Utopia do Expurgo: O que foi o comunismo?** Ijuí: Ed. Unijui, 2009.

LÖWEN SAHR, C. L.; HEIDRICH, A. L. Translocalidades menonitas no contexto da América Latina e do Caribe: reflexões a partir do caso do Paraguai. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 3, p. 536-550, mês. 2016.

²⁸ Jornal **Estado de São Paulo**, 07 de julho de 1932 - p. 01

MASKE, Wilson. Anabatistas sob o Cruzeiro do Sul: a experiência Menonita no Brasil (1930-1945). **Revista Pistis Praxis**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 253-273, out. 2013.

_____. **Entre a cruz e a suástica: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai: 1933-1945.** 2004. 2004. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

PAIM, Antônio. **Marxismo e Descendência.** São Paulo: Vide Editorial, 2010

NIKKEL, M.; KLIEWER, H. (1991): **Witmarsum em quatro décadas - 1951-1991.** Kugler Artes Gráficas Ltda.

SAFFRAIDER, Luiz Fernando. **A saga dos Alemães do Volga.** Curitiba: Editora Juruá, 2010.

SAYAD, A. **A Imigração.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SIEMENS, Irngard August. **A viagem de Aninha – Anas Reise.** Curitiba PR: Editora Evangélica Esperança, 2013.

WEBER, M. *Economie et société.* Paris: Plon, 1971. Apud. POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998.

VITECK, Harto (org.). **Imigração Alemã no Paraná - 180 anos.** Marechal Candido Rondon: Editora Germanica, 2011.